

RELIGIÃO E FANATISMO

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *Vedanta Kesari* – abril de 1963²

Religião, para a maioria das pessoas em todo o mundo, consiste na crença em alguns dogmas, em algumas personalidades, em algumas doutrinas e, no máximo, em fazer o bem aos membros que professam a mesma fé ou com a esperança de convertê-los à sua fé. Eles não conseguem pensar além disso. Essa posição é compreensível no caso de pessoas comuns. Mas é intrigante quando pessoas que dizem viver apenas pela religião também seguem os mesmos caminhos. Com isso, elas não só fazem mal a si mesmas, mas também levam intencional e deliberadamente seus seguidores ao erro.

Houve um tempo em que essas concepções estreitas não teriam afetado nem mesmo a periferia da humanidade. Mas agora, por causa da vasta rede de comunicações³, quando o mundo diminuiu de tamanho, por assim dizer, toda cautela deve ser observada quando dizemos coisas que não convencem o homem racional de hoje, ou difamamos pessoas ou religiões. Não é que a religião ou as pessoas difamadas percam algo de sua vitalidade ou influência, mas os difamadores expõem sua ignorância sobre a tendência dos eventos, sua estreiteza mental e forma de pensar distorcida, e também prejudicam a causa da religião como um todo, com essa atitude. Houve críticas em certos círculos de que “os Vedantins não conhecem Deus como o Transcendente, o Criador.” Aqui, tentaremos mostrar quão totalmente incompreendido, deturpado e tendencioso é esse comentário.

O que é Religião?

Nesse contexto, antes de mais nada, é necessário saber: O que é religião e qual é a nossa concepção de Deus? Desde o início, podemos dizer que a religião é uma maneira de viver que nos conduz em direção a Deus, ajudando-nos a descobrir nossa verdadeira natureza. Esta é a definição elementar. Nesse sentido, em sânscrito, é chamada de *dharma*. No entanto, essa palavra *dharma* tem diferentes significados dependendo dos contextos. Significa dever, retidão, moralidade, natureza inerente e religião, de acordo com o uso. Ainda assim, pode-se perceber que, em meio a vários

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do original em inglês, *Religion and Fanaticism*.

³ Notemos que em 1963 nem se pensava em internet e redes sociais. (nota do tradutor)

significados, o principal propósito da palavra não se perde de vista. Outros significados são etapas para o objetivo final, a religião. Um dever bem cumprido clareia a visão, assegura retidão, aperfeiçoa a natureza e, por fim, instila convicção sobre o propósito da vida. Isso é o que as religiões tentam fazer. E sobre isso não há disputa.

Também é verdade que quase todas as religiões aceitam que a alma continua a viver após a morte do corpo. Este também é o terreno comum onde não há controvérsia. A maioria das religiões afirma positivamente que a alma ou vai para uma morada celestial ou é condenada ao inferno — seja qual for a descrição do inferno ou do céu fornecida por elas. Assim, o objetivo de todas as religiões é elevar o bruto no homem a um pedestal mais elevado, o humano. Estamos deliberadamente nos abstendo de usar qualquer outro epíteto, no momento, neste contexto, para que essa palavra não assuste alguns que não podem ver o homem senão como um conjunto de mente e corpo. E para elevar o homem de um nível inferior para um superior, uma variedade de credos e parafernália, símbolos e insígnias foram introduzidos por vários sábios, videntes, profetas e encarnações, para atender aos variados tipos de humanidade. Daqui segue-se naturalmente que credos ou dogmas não são a totalidade da religião; nem a mera filosofia ou erudição constituem-na. Estes são apenas os caminhos para o Supremo.

Em outras palavras, alcançar a perfeição, a liberdade, é o objetivo da religião. Tudo no mundo trabalha pela liberdade, conscientemente ou não. A evolução das espécies, que uma vez abalou os alicerces religiosos no Ocidente, a Vedanta explica como a prova da alma envolvida tentando alcançar cada vez mais liberdade. Não é a matéria, morta e inerte, que faz isso, mas a alma por trás dela. Essa é a diferença entre o vivo e o morto, pois enquanto no vivo há uma luta por mais e mais liberdade, no morto tudo é prisão. Swami Vivekananda diz: 'Esse esforço para alcançar a liberdade está subjacente a todas as formas de adoração, quer saibamos disso ou não.' Onde quer que encontremos adoração — em qualquer forma rudimentar que seja, por mais grosseira que possa parecer para nós — há esse desejo de obter mais liberdade, propiciando o que os adoradores acreditam serem seres superiores e mais poderosos. 'Esse anseio por liberdade', observa Swami Vivekananda, 'produz a ideia de um Ser que é absolutamente livre.' Este Ser, que é eternamente puro, eternamente livre, onisciente e onipotente, é chamado de Deus. E Ele é a base da religião.

No entanto, o conceito de Deus do homem é diverso. Apesar das opiniões divergentes sobre Deus, isso foi amplamente provado recentemente por Sri Ramakrishna, através de sua prática das disciplinas e realizações finais daquelas próprias seitas e religiões que eram consideradas hostis umas às outras. No final dessas práticas, ele atingiu o mesmo objetivo. A variedade não deve nos assustar. Porque há uma unidade subjacente a essa variedade. Religião em qualquer lugar significa atingir o Supremo. Quando chegarmos até Ele, só então teremos uma religião digna do nome. É por isso que Swami Vivekananda repetidamente disse: 'Religião é realização e não erudição [livresca] ou argumentação.' Esse é o significado primário

de religião. Todo o resto é secundário ou até terciário. Realizamos Deus? Então seremos religiosos. Pelo menos tentamos alcançá-lo? Então estamos no caminho da religião. Mera denúncia ou condenação do outro não é religião. No entanto, com mais frequência nos comportamos como os homens cegos que foram descobrir a aparência de um elefante. Cada um tocando uma parte do animal, descreveu-o como um pilar, uma corda, um leque e coisas do tipo. **Da mesma forma, pessoas com mentes preconceituosas se recusam a admitir que Deus possa ser algo além do que pensam que Ele é.** Será que Deus, que eles professam ser onipotente e onisciente, é tão pequeno que podem conhecê-Lo completamente com suas pequenas mentes? Mas é exatamente isso que a maioria das pessoas está fazendo. Elas querem, por assim dizer, impor um limite a Ele para que Ele não seja nada além disso. Devem estar pensando que são mais poderosas e sábias do que Deus, pois quem mais pode ditar condições aos outros, senão uma pessoa mais poderosa do que eles? Tal proposição, pela sua incongruência, fará até mesmo o homem comum da rua rir.

Conceito de Deus da Vedanta

Qual é o conceito vedantin de Deus? O vedantin diz: Deus é *Sat-Chit-Ananda* (Existência-Conhecimento-Bem-Aventura). Existência que é eterna, Conhecimento que é infinito e Bem-Aventura que é sem fim. Até nós existimos por causa dessa Existência. Ele é a essência do nosso conhecimento, e até a maior felicidade que um homem desfruta neste mundo é uma fração infinitesimal dessa Bem-Aventura. Além disso, a Vedanta diz: 'Daquele de quem esses seres nascem, em quem esses seres criados vivem; para quem todos se apressam a ir e em quem todos entram novamente, conheça isso. Isso é Brahman⁴'. Este não é um exemplo isolado onde os *Upanishads* tentam infundir essa ideia em nós. No *Chandogya Upanishad* há a injunção 'Tudo isso é realmente Brahman; medite sobre isso com uma mente calma, sabendo que isso veio d'Ele, se funde n'Ele e tem seu lugar n'Ele.'⁵

Muitas outras passagens podem ser citadas em apoio à teoria da Vedanta de que este mundo surgiu de Brahman, Deus; mas estas são suficientes para convencer os críticos da Vedanta, se mantiverem a mente aberta, e para verem por si mesmos a profundidade de sua tolice. Como diz o ditado, um homem pode levar um cavalo à água, mas dez não podem fazê-lo beber, então, caso as pessoas tenham fechado as portas de suas mentes e estejam determinadas a não serem convencidas, ninguém pode ajudá-las. Um homem dormindo pode ser acordado, mas não aquele que está fingindo dormir.

Onde a Vedanta se sobressai

A Vedanta diz que o núcleo interno do nosso ser, a vida da nossa vida, a alma da nossa alma é Deus, é Brahman. Muito poucos conseguem entender isso, mesmo

⁴ Taittiriyaopaniṣad, 3-1.

⁵ Chandogya, III.14.1.

intelectualmente. Eles ficam assustados quando a Vedanta ousadamente afirma que a divindade é o direito de nascimento do homem. É seu legado. Apenas ele se esqueceu disso. Uma bela ilustração foi dada em um dos *Upanishads* para fazer essa verdade clara. ‘Todos os seres experimentam esse Brahman todos os dias em seu estado de sono profundo (quando a natureza real reina suprema por si só). No entanto, como a pessoa que é herdeira de uma imensa riqueza, embora ande pelo lugar onde o ouro está escondido, não o alcança, sendo ignorante de sua existência, assim também o homem, cuja verdadeira natureza, que é Brahman, coberta pela ignorância sob a forma de desejos (como fome, luxúria e similares), não o conhece, embora diariamente vá para (experimente) isso.’⁶

Que concepção maravilhosa do homem o Vedanta nos apresenta: ‘Herdeiros da Imortalidade.’⁷ Com essas palavras, Swami Vivekananda introduziu o conceito do homem segundo o Vedanta ao público em uma das sessões do Parlamento das Religiões. ‘Chega,’ disse ele ao povo da Índia, ‘de sermos alimentados por ideias negativas. Levantem-se, sejam heróis. O divino está em vocês. Manifestem-no.’ Um filho de aristocrata, se o souber, se encolherá diante de outros por coisas insignificantes? Essa é a excelente ideia que a Vedanta nos ensina.

Estamos muito familiarizados com nossos direitos de nascimento; lutamos e arriscamos tudo em litígios para provar nossos direitos ou exigir nosso patrimônio. Mas o mais precioso de todo o nosso patrimônio, nosso próprio *Ātman*, esquecemos de reivindicar e nos tornamos mendigos por uma coisa insignificante ou outra. Agarramo-nos ao nosso corpo como o *alfa* e *ômega* da nossa vida. Esse apego à nossa falsa personalidade é a ruína do homem. Pois ele se considera uma pessoa dotada de corpo e mente e nada mais do que isso, ele quer ver seu Deus também como uma pessoa. O Vedanta não diz que isso está errado. Ele até encoraja esse conceito. Pois sabe que assim que o homem tiver sua natureza perfeita manifestada nele, ele não será mais estreito e intolerante. Aqui somos lembrados de como Sri Ramakrishna ensinou essa lição a ‘M’, o escritor do Evangelho de Sri Ramakrishna. ‘M’ tinha vindo a Dakshineswar pela segunda vez. Sendo educado nas ciências ocidentais, ele era racionalista em sua visão. ‘M’ achava que as pessoas que adoravam imagens deveriam ser questionadas para ter Deus em vista enquanto o faziam e não deveriam adorar barro ou pedra. A severa reprimenda do Mestre nessa ocasião silenciou para sempre a natureza argumentativa de ‘M’. Sri Ramakrishna disse: ‘Essa é a mania de vocês, gente de Calcutá — dar palestras e trazer os outros para a luz! Ninguém nunca se detém para considerar como obter a luz por si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?’

‘Aquele que é o Senhor do Universo ensinará a todos. Somente Ele nos ensina, que criou este universo; que fez o sol e a lua, homens e animais, e todos os outros seres; que providenciou meios para sua subsistência; que deu aos filhos pais e os dotou de amor para criá-los. O Senhor fez tantas coisas — Ele não mostrará às pessoas

⁶ Ibid.VIII.3.2.

⁷ Svetasvatara Upanisad,2.5.

o caminho para adorá-Lo? Se precisarem de ensino, então Ele será o Mestre. Ele é nosso Guia Interior.

‘Suponha que haja um erro ao adorar a imagem de barro; Deus não sabe que através dela apenas Ele está sendo invocado? Ele ficará satisfeito com essa própria adoração. Por que você deveria ter dor de cabeça por isso? É melhor você buscar conhecimento e devoção por si mesmo.’

Para aqueles que quiserem ouvir, a Vedanta tem algo mais a oferecer. Ele diz que sua verdadeira natureza é Brahman: ‘Tu és Isso.’

Má Compreensão sobre a Vedanta

A verdadeira má compreensão começa aqui, nesta fase. Como pode sobre aquele Ser infinito, onisciente, onipotente e onipresente ser dito ter se tornado limitado em uma prisão de carne e ossos? Que outra blasfêmia poderia haver além dessa? Perguntem àqueles para quem essa é uma ideia estranha e fantástica. Todos sabemos como até mesmo um gigante intelectual, como Swami Vivekananda, com inclinação religiosa desde o nascimento, por assim dizer, no início de sua carreira espiritual teve dificuldade em aceitar, ou melhor, rebelou-se contra esse conceito: “Tudo isto é Brahman”; também sabemos como o Mestre trouxe essa verdade ao seu discípulo amado com seu toque místico; e como mais tarde o próprio Swamiji alcançou as alturas vertiginosas dessa realização. Não é de surpreender, então, que pessoas que não foram criadas na tradição falhem em entender o significado do texto e divaguem à sua própria maneira. No entanto, se houver um desejo genuíno de saber, se não houver ideias preconcebidas para obstruir, atrapalhar e mutilar sua visão, não é tão difícil entender essa grande noção, pelo menos intelectualmente. Com isso, não queremos dizer que todos deveriam se tornar vedantins. Isso não é possível. Estando plenamente ciente do fato de que nem todos os homens têm gostos idênticos e desenvolvimento mental, os próprios Vedas prescreveram coisas como sacrifícios para preparar o homem para o fim mais elevado. Agora, o que o vedantin pede a todos é que não sejam dogmáticos quando dizem que o homem é isso ou aquilo, quando querem dizer que Deus é tal e tal coisa. Lembrem-se do ditado ‘na casa de meu pai há muitas moradas’; podemos estar vivendo em uma e nossos irmãos em uma segunda ou terceira. Devemos, por isso, odiar ou desprezar aqueles que vivem em outras moradas? O vedantin não tem conflito com ninguém, exceto com fanáticos e intolerantes que estão determinados a matar o espírito da própria religião.

O Verdadeiro Significado dos Mahavakyas

Agora vamos entender qual é o verdadeiro significado dos *mahavakyas*, que são de natureza tão confusa: ‘*Tattoamasi*’ (Tu és Isso), ‘*Aham Brahmasmi*’ (Eu sou Brahman), etc. Primeiro de tudo, se soubermos a quem essas verdades foram ensinadas nos tempos antigos, muito da névoa e obscuridade que envolve nossa

compreensão se dissipará. Antigamente, os discípulos, em uma idade muito impressionável, buscavam o mestre, viviam com ele, serviam-no e aprendiam com ele, bem como por meio de sua vida. Esse era o modo de ensino naquela época. O preceptor conhecia o aluno profundamente, suas tendências, aptidões, perspicácia intelectual e, mais do que isso, seus potenciais espirituais.

No *Prasnopanishad*, há uma história. Seis discípulos se aproximaram de um sábio chamado Pippalada buscando conhecimento. O sábio perguntou aos discípulos: “Vivam aqui novamente observando austeridades, castidade, com fé (*shraddha*) e servindo o guru por mais um ano. Depois disso, façam as perguntas sobre os assuntos que cada um deseja conhecer, e eu responderei, se eu souber.”⁸ Este era o método de abordagem: ensinar aquilo que alguém desejava conhecer.

Assim, a pedra sílex [que produz o fogo] estaria sendo preparada pela disciplina sob a orientação do mestre, e, quando chegasse o momento oportuno, o mestre golpeava, e o fogo do conhecimento era aceso. Quando esse terreno estivesse preparado, quando o discípulo fosse completamente testado e considerado apto, ele era instruído na mais elevada verdade.

Então, “Aquilo tu és” ou “Eu sou Brahman” não significa que o indivíduo chamado Fulano de Tal é Brahman. Entender esses grandes ensinamentos dessa maneira seria desastroso para a vida espiritual de alguém.

Um exemplo dessa compreensão pervertida também nos é apresentado no *Chandogya Upanishad* na forma de uma história, como um aviso.

Certa vez, Prajapati (o Criador) anunciou: “O *Ātman*, que é intocado pela impureza, desprovido de velhice, imortal, livre de dor, não sujeito à fome e à sede, cujos desejos se realizam, cujos pensamentos se realizam, deve ser buscado, deve ser conhecido. Quem o compreende, tendo sido ensinado (por um mestre), obtém todos os mundos e todos os desejos.”⁹

Ao ouvir isso, Indra entre os deuses e Virochana entre os demônios se aproximaram de Prajapati com o devido respeito e, após algum tempo vivendo e servindo-O, pediram-Lhe que lhes ensinasse esse conhecimento supremo. Prajapati disse: “O *Purusha* que é visto no olho é o *Ātman*. Este é imortal, destemido. Este é Brahman.” Eles perguntaram qual era o *Ātman*, aquele que era refletido no espelho ou aquele que era refletido na água. Prajapati primeiro pediu-lhes para se verem na água e depois novamente após adornarem-se com ornamentos, etc. Ainda não possuindo a pureza mental necessária, eles não conseguiram avaliar o significado dessas instruções de Prajapati. Descrevendo o reflexo a cada vez, eles perguntaram se aquele era o *Ātman* que ele queria dizer. Prajapati apenas repetiu sua fórmula anterior: “Este é o *Ātman*, este é imortal, destemido. Este é Brahman.”¹⁰

Satisfeitos no coração, ambos partiram pensando que tinham conhecido tudo. Prajapati, vendo-os partirem satisfeitos, disse: “Eles estão indo embora sem entender

⁸ Prasna Up., 1.2

⁹ Chandogya Up., 8.7.1.

¹⁰ Ibid., 8.7.4.

o Ser. Mas qualquer um que vá embora, sejam deuses ou demônios, sem entender este conhecimento perecerá.”¹¹

Dos dois, Virochana firmemente acreditava que o que Prajapati quis dizer por *Ātman* era o corpo, e foi embora perfeitamente satisfeito, ensinando seus seguidores a fortalecerem seus corpos. Mas Indra, sendo um pouco mais reflexivo, duvidou dessa doutrina e, ao abordar repetidamente, aprendeu o verdadeiro significado do ensinamento de Prajapati. Agora, quem foi responsável pelo erro de Virochana? Sua própria falta de reflexão, sua falta de introspecção. Assim, se algumas pessoas no mundo, mesmo nos dias atuais, não conseguem entender o verdadeiro significado desses grandes ensinamentos ou os interpretam erroneamente de maneira deliberada, os *Shruti* não são culpados, nem o mestre que transmite o ensinamento, mas sim essas próprias pessoas.

Corpo, mente e alma

O conceito hindu é que o homem possui um corpo e uma mente. Essa diferença se torna mais explícita se usarmos um exemplo. Quando uma pessoa morre, o hindu diz que ela “deixou o corpo”. Esse uso é significativo. Aqui fica claro que o hindu considera o corpo como um instrumento da alma. Quando a alma já trabalhou tudo o que era útil no corpo, ela o descarta, toma outro e segue adiante. Assim, ela transmigra de corpo em corpo até alcançar aquela perfeição, que é sua natureza inerente. Então, diz-se que a alma foi liberada. Esse elemento, que aparentemente muda seu centro repetidamente, é chamado pela Vedanta de *Ātman*. Agora temos duas, ou melhor, três coisas que formam o “homem”: o corpo, a mente e a alma. Dessas, as duas primeiras são, segundo nossas escrituras, de composição material; o corpo é feito de matéria grosseira e a mente de matéria sutil. A alma é a essência do homem e, sendo da natureza da consciência, faz com que o corpo viva, se mova e exista. Esta é a etapa inicial da Vedanta. O *Sruti* acredita no progresso gradual do homem, levando-o de “verdades menores para verdades maiores”. Assim como poucos conseguem suportar mudanças climáticas repentinas e extremas, também muito poucos podem sustentar o choque de uma transformação repentina. É verdade também que nem todos podem subir ao andar de um prédio saltando com vara; muitos precisam da escada. Este é o plano dos Upanishads também.

Agora, a segunda etapa é que o *Ātman* (o Ser ou a Alma) é parte do infinito Brahman, de Deus. “Assim como de um fogo ardente milhões de faíscas idênticas em aparência voam para fora, similarmente desse Imutável diversos seres nascem e novamente são absorvidos nele”¹², diz o *Sruti*. Se e quando as pessoas começarem a distinguir entre seu Ser e seu corpo, essa teoria não será tão difícil de digerir. E então, palavras como “Herdeiros da Imortalidade”, “cada alma é potencialmente divina” podem não soar tão desconcertantes. Pelo contrário, há toda a possibilidade de que

¹¹ Ibid., 8.8.4.

¹² Mundaka Up., 2.1.1.

peessoas que primeiro se assustaram com essas palavras agora as entendam em um contexto mais claro.

Mas o objetivo das escrituras não é criar uma casa pela metade. Elas defendem a verdade, e a verdade não depende da aceitação ou rejeição de ninguém. A lei da gravidade existia e continuaria a existir mesmo se Newton não a tivesse descoberto. O *Sruti* então avança para a fase final. Ele afirma: “Tudo isso é Brahman.” “Não há muitas coisas neste mundo.” “Tu és Isso.” Esses são os ensinamentos que pregam a identidade, ou melhor, a unidade na variedade. Sem dúvida, este é um grande salto para o Desconhecido, mas não para a escuridão, e sim para a luz. Poucos são aptos a alcançá-lo, mas por isso não temos o direito de menosprezá-lo. “Aceite todos os ideais como verdadeiros, mas mantenha o seu próprio”, disse Sri Ramakrishna. Se seguirmos esse conselho, não há necessidade de criticar as visões dos outros.

Religião não é Fanatismo

Finalmente, não deve ser esquecido que **dogmatismo, intolerância e fanatismo não têm nada a ver com religião**. Há uma vasta diferença entre os três primeiros e a última. **O fanatismo é incompatível com a verdadeira religião**. Swami Vivekananda apontou: “Os fanáticos não conseguem trabalhar, eles desperdiçam três quartos de sua energia. É o homem calmo, de cabeça fria e prático que trabalha.” Em outras ocasiões, ele comentou: “Esses fanáticos podem fazer algum bem, conforme sua luz, mas causam muito mais mal.” Destacando o infantilismo dominante no fanatismo, Swamiji disse: “Quando eu era jovem, achei que o fanatismo fosse um grande elemento no trabalho, mas agora, à medida que envelheço, percebo que não é.”

Um incidente na vida de Swamiji, que ele relatou a uma plateia no Ocidente, traz claramente o significado do fanatismo: “Recebi um livro que dizia que eu deveria acreditar em tudo o que estava escrito nele. Dizia que não havia alma, mas que havia deuses e deusas no céu, e um fio de luz saindo de cada uma de nossas cabeças até o céu! Como o autor sabia de todas essas coisas? Ela tinha sido inspirada e queria que eu também acreditasse, e porque me recusei, ela disse: ‘Você deve ser um homem muito mau; não há esperança para você!’ Isso é fanatismo.” O quão devastador o fanatismo tem sido para a vida humana pode ser melhor conhecido pela história. “Os fanáticos só criam ódio”, alertou Swamiji. A história provou isso. Rios de sangue inocente fluíram nesta terra, inquisições foram realizadas e tudo isso foi feito em nome do fanatismo. **Pode a verdadeira religião ter algo a ver com essas coisas?** A religião prega: “Ame o próximo como a ti mesmo”, e o que o fanatismo faz é exatamente o oposto. Portanto, devemos afastar o fanatismo de nosso meio e aprender a viver amigavelmente.

